



EletoRevista

Revista Científica e Tecnológica

Institutional Business Consultoria Internacional

ISSN Nº: 1983-2168

FEVEREIRO / 2009.

Professor Istvan Kasznar PhD.

Professor Titular da Fundação Getúlio Vargas, na EBAPE – Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas;

Professor – Conferencista do IBMEC; PUC – Pontifícia Universidade Católica e UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Economista – Chefe da ACREFI

CEO da IBCI – Institutional Business Consultoria Internacional.

Conselheiro Econômico do Instituto Dannemann Siemsen da Propriedade Industrial – IDS.

istvan@fgv.br - istvan@acrefi.org.br - istvan@ibci.com.br

CICLOS EM MACROECONOMIA: O DESENHO DE CURVAS COM ALTAS E BAIXAS – AQUECIMENTO E RECESSÃO.

Professor Istvan Kasznar – PhD.

Temática: Ciclo. Ciclo econômico. Ciclo de negócios. *Business Cycles*. Ciclo de alta. Ciclo de baixa. Pico. Vale. Aquecimento. Superaquecimento. Desaquecimento. Recessão. Depressão. Crise. Crise econômica. Crise estrutural. Retomada. Recuperação econômica. Macroeconomia. Macroeconomia e ciclos econômicos. Produto. Produto Interno Bruto. Produto interno líquido. Produto potencial. Produto de Pleno Emprego.

Apresentação.

Os movimentos de alta e baixa gerados e existentes numa economia são objeto de atenção e estudo dos economistas e homens de negócios faz milênios. Efetivamente, a produção não é nem regular, nem constante. Possui seus movimentos, gerados por fatores determinantes numerosos e diversos, tais como as mudanças climáticas; as disponibilidades e cortes de linhas de crédito; os investimentos diretos; as inovações; os aumentos de produtividades e outros fatores.

Neste artigo, procura-se mostrar importantes características e feições dos ciclos econômicos.

Métodos de definição dos ciclos.

Existem diversos tipos de definições de ciclos econômicos. Ciclos lembram estágios, momentos. Também dizem respeito a um processo evolutivo por meio do qual uma economia encontra-se em pontos máximos, após o qual seguem-se declínios que atingem um ponto de mínimo, após o qual retorna um processo de crescimento, de evolução, até encontrar-se um novo ponto de máximo. Este seria um ciclo completo. Nele, o mais relevante é o que o ponto de máximo inicial, em termos reais no produto, seja menor do que o ponto de máximo final no produto.

José, do Egito, quando jovem, conseguiu decifrar o sonho do faraó, que em sua síntese correspondia em ter visto nas sombras da noite “sete anos de vacas magras e sete anos de vacas gordas, a seguir”. Este é o mais antigo testemunho do qual se tem, contido no Antigo Testamento, de ciclos de negócios.

Por certo, as “vacas magras” representam uma fase de baixa produção, de seca, de falta de alimentos e forragem para o gado, o que afetaria os estoques de alimentos da população, encarecendo-os e tornando sua distribuição mais difícil. Em contraponto, as “vacas gordas” representam a fase da bonança, da riqueza, da recuperação, do bem-estar.

Curiosamente, até por ser um elemento cultural e de época, as fases possuem a mesma duração: sete anos. Isto é, no sonho, a fase boa e a fase má possuem a mesma extensão.

Quando uma atividade de negócios cai em termos absolutos e após algum tempo volta a crescer, este período é chamado de “ciclo de negócios clássico”. Também é conhecido como “ciclo de negócios”.

No Brasil, órgãos como o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística); o INPESPEA (Instituto Nacional de Pesquisas Econômicas e Sociais), vinculado à Secretaria de Planejamento da Presidência da República; o Centro de Estudos Tendências da Fundação Getúlio Vargas; e o Programa de Estudos dos Estados e Municípios da Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas da Fundação Getúlio Vargas (PEEM), são os órgãos mais

conhecidos no que diz respeito ao estudo de ciclos de negócios. No caso do PEE, a preocupação é mais específica, dizendo respeito ao crescimento por estados e municípios.

Nos Estados Unidos, para datar e delinear fases de contração e de crescimento de negócios, foi criado o National Bureau of Economic Research (NBER). As conclusões oriundas do NBER são aceitas pelo Departamento de Comércio norte-americano como aquelas que delinham os ciclos de negócios norte-americanos ao longo do tempo.

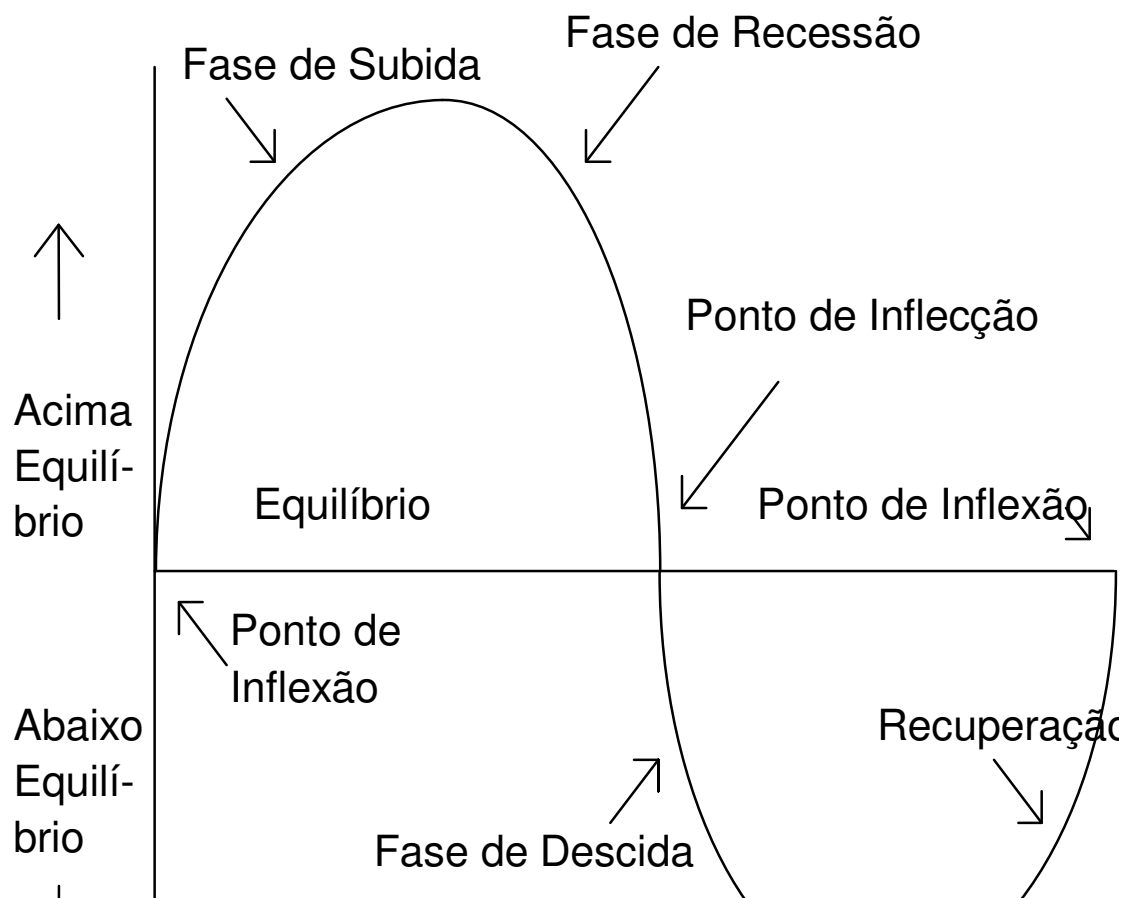
A importância da manutenção de informações a respeito de um ciclo de negócios, da sua data de início, da sua data de fim, no que tange a pontos máximos e mínimos de produção, é especialmente vinculada ao fato de que com ela os economistas podem criar importantes referências para análise da atividade econômica e fazer projeções acerca da evolução futura dos negócios. Desta maneira, uma forma mais racional de se administrar inventários e estoques; comprar e vender mercadorias; exportar-se e / ou importarem-se produtos e serviços, pode ser desenvolvida nas organizações.

Portanto, o processo de antecipação da evolução dos ciclos permite que um empresário venha alocar recursos de uma forma mais conveniente na sua organização. Ele terá ocasiões em que saberá manobrar melhor os seus recursos aplicando-os no mercado financeiro, em lugar de investindo-os em bens reais e vice-versa, ocasiões em que ele vai aplicar especificamente na formação de estoques, na geração de novas plantas industriais, portanto sem fazer aplicações financeiras diretamente vinculadas a um esquema em parte especulativo, atrelado à evolução das taxas de juros do mercado.

Naturalmente, os processos de mensuração de um ciclo são complexos e há inúmeros problemas acerca do uso das metodologias. Desde 1920, numerosos economistas têm procurado tratar deste assunto com o devido cuidado. Entre eles, citamos do NBER, N.E. Stone, Edwin Gay, John Commons e Wesley Clair Mitchel. Eles foram os principais pioneiros do NBER e criaram a metodologia básica para análise do ciclo de negócios empírico, tal como ele é ainda hoje conhecido mundo afora. Em 1946, Wesley Mitchel e Arthur Burns apresentaram um conjunto de definições acerca do que seja um ciclo de negócios. Assim definiram eles:

“Ciclos de negócios são um tipo de flutuação que se encontra na atividade econômica agregada de nações que organizam o seu trabalho especialmente através de empresas. Um ciclo consiste de expansões que ocorrem ao mesmo tempo em muitas atividades econômicas, seguidas similarmemente de recessões gerais, contrações e voltas que se condensam na fase de expansão do ciclo seguinte; esta seqüência de mudanças é recorrente e repetitiva, mas não é periódica. Em duração, os ciclos de negócios dariam de mais de um ano até dez ou doze anos. Eles não são divisíveis em períodos de ciclos mais curtos de características similares com amplitudes aproximadas *"per se"*.

A Amplitude de um Ciclo.



Amplitude diz respeito ao seu grau de profundidade e à capacidade dele reverter. Para ser considerado um ciclo, a atividade econômica deve apresentar uns declínios significativos, seguidos por uma retomada (vide o gráfico anterior). A magnitude deste declínio na atividade dos negócios, todavia, não é muito clara no que diz respeito a esta definição. Evidentemente, os empresários gostariam de ter mínimos índices de profundidade de evolução do produto em relação a uma média; a mais longa amplitude na fase de crescimento; e a mais curta amplitude na fase recessiva.

Períodos de Recessão e Recuperação Econômica

A isto chamamos de duração. A duração de um ciclo de negócios inclui o período de tempo da recuperação adjacente e das fases de recessão. É melhor que isto seja calculado como sendo no mínimo de um ano ou mais. Isto porque é importante que as flutuações sazonais sejam reduzidas no que tange ao seu peso. A duração dos períodos de recuperação e de recessão nos países desenvolvidos chegou, segundo diversas constatações, a até doze anos. No Brasil, especialmente da década de 80 e 90, podemos constatar que a duração deste processo é muito mais curta. Geralmente, entre uma fase de recessão e outra de recuperação, aproxima-se de dois anos e meio este período.

Difusão

O efeito difusão há de ser compreendido como aquele que gera impactos sobre a economia. Portanto, a preocupação aqui diz respeito a efeitos multiplicadores gerados por um ciclo sobre outros setores da economia ou pelos setores da economia individualmente sobre a atividade macroeconômica como um todo. Um ciclo de negócios pode basear-se fundamentalmente em algumas indústrias líderes, ou em algumas atividades econômicas relevantes principais. Todavia, naturalmente, é essencial estudar-se o todo.

Utilização

A utilização diz respeito a impactos de deslocamento que a economia possa sofrer por conta de uma atividade de retomada ou descendência econômica. O que se pretende é que ocorra uma mínima severidade nas recessões e haja um máximo de aproveitamento nas fases de crescimento. Assim, empresários capazes procurarão maximizar a fase de crescimento nos momentos de ascensão econômica e minimizar as fases de investimento e crescimento nas fases de descenso econômico geral. É bom todavia enfatizar que nos momentos de crise é que surgem boas oportunidades e empresários capacitados sempre podem gerar bons ganhos. Duas medidas comuns de deslocamento são a taxa de desemprego e o grau de capacidade ociosa de uma economia. Quando a fase recessiva tende a crescer é de se esperar que a taxa de desemprego venha a subir e que o grau de capacidade ociosa esteja aumentando.

O *approach* de Burns e Mitchel diferencia dois pontos críticos num ciclo de negócios: o pico e o vale. Esta referência baseia-se em duas hipóteses básicas. Primeira, ciclos de negócios são contínuos - após uma fase de expansão há necessariamente uma fase de recessão que é seguida por algum tipo de contração - e aí então há uma renovação que, por sua vez, acaba virando todo esse processo repetitivamente ao longo do tempo. É como se houvesse algum tipo de relógio do tempo com formato regular ou irregular que acabaria gerando substituições entre crescimento e recessão; e segundo: é suficiente marcar momentos seqüenciados que diferenciem e apresentem o que ocorre no meio de picos e fundos de vale.

Uma terminologia bastante usual para ciclos de negócios, apresentada por Burns e Mitchel, é aquela que distingue recessão, depressão, recuperação e expansão.

A recessão diz respeito a uma fase que ocorre logo após um pico de máximo e em que aquilo que de fato se criou em termos de produção, num nível superior ao passado, começa a ser reduzido. Depressão já é um período no qual destrói-se produção, e o grau de capacidade ociosa crescente acaba implicando também em sucateamento das máquinas e equipamentos. Recuperação é uma fase em que a economia volta a crescer, todavia ainda não atingiu as fases anteriores médias de crescimento. Expansão é quando a economia já atingiu o ponto de máximo passado e está crescendo acima dos limites ocorridos no passado.

Ciclos de Crescimento na Economia

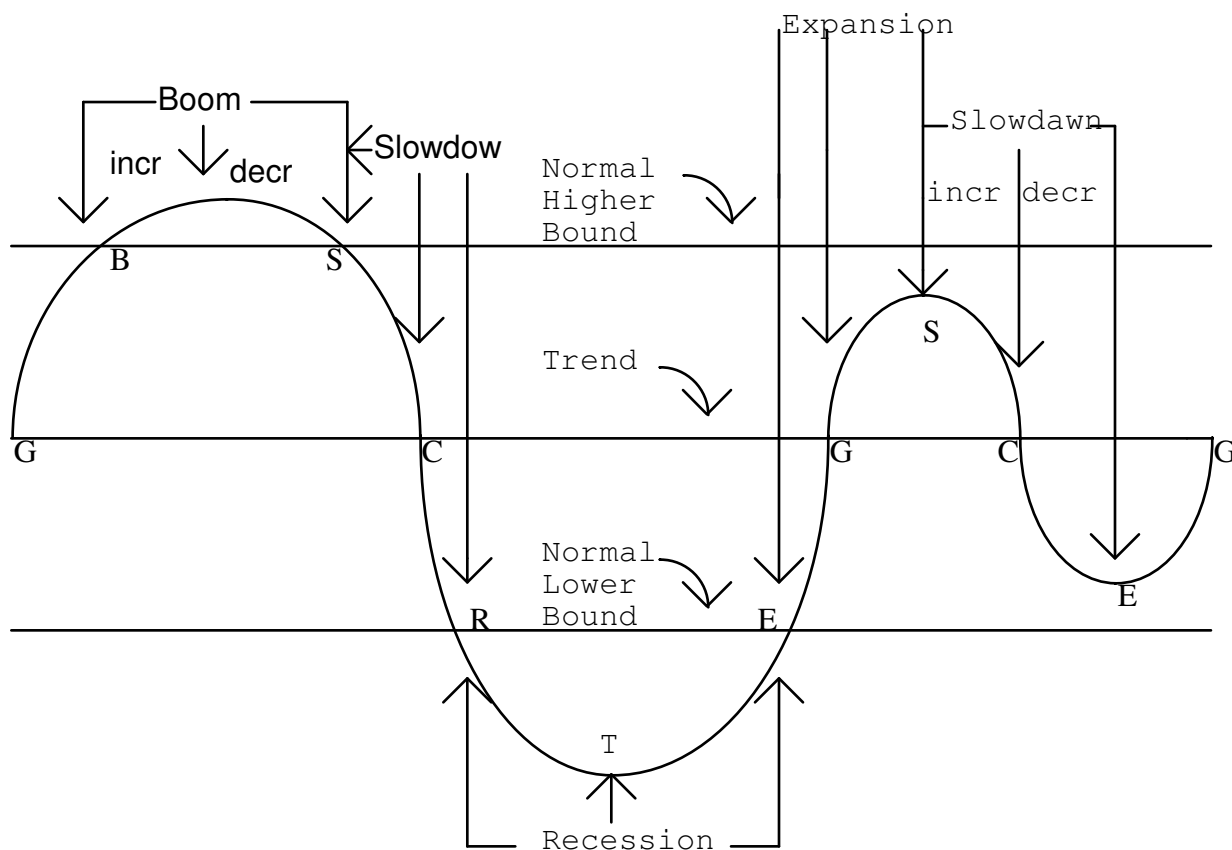
O desenho que segue mostra uma seqüência integrada de curvas, cuja concavidade em relação à linha central G – G indica em qual estágio e situação se encontra a economia.

Entre G, B, S e C, o arco do ciclo permaneceu acima da linha G – G, logo sucedia um aquecimento acima da média histórica. Inversamente, entre C – G, verifica-se uma fase em que o produto mergulha abaixo da linha G – G, entre C e G, o que está abaixo da média histórica e é recessivo ou depressivo (depende do tempo e da existência ou não de perda de substância dos investimentos realizados (sucateamento)).

Verifique-se que, contudo os arcos possuem duas fases, uma ascendente e outra descendente. Portanto, o que acontece dentro de um arco, em relação à linha G – G, não é igual nem homogêneo.

Entre G e B há um crescimento forte, acelerado, correspondente a um aquecimento, que leva a uma fase de boom. Entre S e C a economia desaquece, perde vigor. Se este movimento persiste, de C a T chega-se a uma recessão e pode haver com maior aprofundamento e suspensão da produção, depressão. O ponto T é um fundo do poço.

A retomada econômica pode não ser nem tão intensa, nem tão longa, quanto fora no passado. Ao se encurtar e apequenar, gera a curvatura fornecida pelos pontos T, E, G, S.



Outra definição importante de ciclos de negócios é chamada de “ciclo de desvio” ou ainda “ciclo de crescimento”. Um ciclo de crescimento corresponde a uma fase relevante e pronunciada de desvio em torno de uma certa tendência de taxa de crescimento. Esta definição procura apresentar períodos de aceleração e desaceleração dos crescimentos e das taxas de crescimento em uma economia.

Burns e Mitchel observaram, com a sua experiência dos anos 20 e 30, que:

“Se tendências seculares fossem eliminadas, elas poderiam mostrar que ciclos de negócios são mais convincentes e mais poderosos como um fator na vida econômica. Quando a tendência secular de uma série de dados de produção cresce rapidamente, ela pode ultrapassar a influência de contrações cíclicas nos negócios em geral ou fazer com que a identificação desta influência seja dificultada. Nestas ocasiões, o ciclo de negócios clássico pode indicar lapsos de contrações em relação ao ciclo geral que podem não ocorrer na tendência secular, em sendo esta removida”.

O que é relevante é reparar que ciclos de negócios são comuns, inerentes à movimentação e ação econômica, e cada vez mais, a atenção das empresas tem sido no sentido de compreendê-los.

Os ciclos de alta se relacionam rapidamente a positividade; otimismo; alegria; e bem-estar. Naturalmente esta reação sucede por causa do aumento da riqueza em geral; do aumento de renda; da disponibilidade de oferta, que sacia as pessoas.

Neste ambiente de crescimento e melhora, pode surgir um aumento de confiança no sistema econômico, e a sensação de bonança com elevação de renda eleva o consumo das famílias e do governo.

Por outro lado, os ciclos de baixa, em oposição ao de alta, se relacionam rapidamente a negatividade; pessimismo; tristeza; e uma sensação de mal-estar. Esta sensação sucede porque o consumo cai; o crédito é cobrado pelos banqueiros mais agressivamente; o temor de inadimplências aumenta; a renda diminui; a oferta se contrai; os estoques caem; a seletividade das carteiras de clientes aumenta, e deste modo aumenta o estresse no sistema econômico.

Neste ambiente, caso não surja a mão visível do governo, da autoridade, o crescimento se reduz. Pode em situações mais extremas surgir uma crise de confiança e uma quebradeira bancária, situações que devem ser evitadas literalmente a todo custo.

A sensação de empobrecimento e de movimento recessivo contrai os produtores, que antecipam a queda da demanda agregada e a demanda específica pelos seus produtos. Esta sensação de mal-estar precisa ser combatida rapidamente, agilmente e com energia.

Meias soluções não bastam. Equivalem a fazer uma ponte pela metade. Ninguém vai passar ao outro lado do rio por ela. Logo, é preciso adotar medidas concretas, firmes, visíveis, transparentes e bem disseminadas mediante a mídia, para que os agentes econômicos saibam o que realmente está acontecendo; conheçam a profundidade e as razões da crise; se mobilizem para combatê-la, em sintonia com as autoridades (espera-se que estas tenham bom senso e domínio do assunto, para saber como sair da recessão e das crises econômicas); e venham a agir em bloco, a favor do sistema e de sua recuperação.

Vale frisar que um agente apenas não muda os rumos da economia. Contudo, a autoridade central, competente, centralizando o comando e difundindo as condições de controle e retomada a favor de todos, com equidade para os agentes, somando-se aos esforços de todos os empresários, pode tirar um país de uma crise e de sua recessão.

Neste particular, mais do que Economia, há de se trabalhar na transversalidade e complementaridade de disciplinas conexas, que em bloco, agem, trabalham melhor e fazem o remédio funcionar, tirando o paciente da doença.

Assim como os remédios possuem várias componentes, freqüentemente, o mesmo ocorre com as poções de política de estabilização e retirada de um país da crise econômica.

Os ciclos em sua fase recessiva poderão precisar de uma combinação de elementos, tais como: expansão monetária; redução de reservas compulsórias sobre depósitos; redução das taxas de redesconto; aumento das linhas de crédito dirigido; aumento das linhas de sustentação de pequenas e micro empresas; aumento do crédito para setores que geram grandes efeitos multiplicadores para a frente e para trás; regulamentação dos mercados; utilização de mais e novas regras, bem definidas, para coibirem-se abusos, espertezas e faltas que prejudiquem o consumidor; racionamento no gasto público; seletividade em custeio e gasto público corrente; adiamento de investimentos; adiamento de projetos que tenham menor impacto sobre empregos e sua formação; e assuntos congêneres.

Torna-se bem claro o sistema holístico que é requisitado para se dar solução a macro-problemas econômicos de envergadura. A combinação adequada dos elementos, contudo, não é suficiente.

Para acertar os rumos da economia, é preciso contar com uma administração competente. Os administradores, no sentido de gestores de um projeto de recuperação econômica quando há recessões e temores de crise; e de mantenedores do crescimento e controladores de abusos, quando há recuperação e crescimento, precisam dar ênfase ao comando, à direção, ao foco, e à essência dos resultados pretendidos, para controlar, coordenar, auditar e reorientar os movimentos que tiram do fundo do poço e levam ao pico da montanha.

Neste particular, mercê atenção o pensamento: economistas podem saber qual é a solução para sair de uma crise, de uma bolha negativa, de uma paranóia econômica, pelas medidas que querem adotar. Contudo, as ferramentas clássicas e típicas de gestão, tais como os cronogramas, os levantamentos de macroprocessos e de rotinas e afins, esses estão nas mãos e são do conhecimento dos administradores.

Logo, administradores e economistas, assim como legisladores e controladores, e auditores mais políticos, precisam agir em equipe. Uns precisam dos outros, para formar um grupo de porte que tenha cacife e capacitação para enfrentar as inúmeras facetas de uma crise, e encontrar soluções conjuntas, múltiplas.

A crise, quando desbaratada, forja a união entre profissionais diferentes, o que é um estímulo à qualificação do sistema sócio-econômico e pode fortalecer a sociedade, para que ela dê um pulo ainda maior, à busca de mais progresso, desenvolvimento e riqueza para todos.

Conclusões

Crises econômicas são um fenômeno recorrente, que se repete em economias liberais e de planejamento central.

Ciclos possuem um padrão de movimentação pendular, no qual ora mostram fase de retomada e aquecimento econômico, ora mostram sinais de esmorecimento e redução das atividades.

É de bom alvitre sustentar e fornecer duração longa a fases de retomada e de aquecimento, sobre bases de estabilização econômica sadia, com convenientes meios e padrões de regulação.

Quando ocorrem crises de ordem inversa, e a recessão se faz forte, é preciso agir com vigor e rapidez. Diagnosticar a situação e ministrar as políticas adequadas é questão vital, para dar segurança aos agentes econômicos e evitar os custos de recessões prolongadas.

Bibliografia.

Bernanke, Ben Shalom; FED Chief calls his remarks a mistake; Washington Post; Hell Henderson; May 2006.

Bernanke, Ben Shalom; On Milton Friedman's Ninetieth Birthday; Federal Reserve Board; November, 2002.

Bernanke, Ben Shalom; Authors, BSB; UNjobs; 2008.

Bernasek, Anna; To fill his shoes, Mr. Bernanke learn to dance; Washington Post.com; 2005.

- Blanchard, Olivier; Macroeconomia; Pearson – Prentice Hall; 3ª edição; 2.005.
- Burns & Mitchell; Economic cycles; NBER; 1.926.
- Conjuntura Econômica; vol. 40 a 62, nºs 1 a 12; Fundação Getúlio Vargas.
- Dornbush, Rudiger e Fisher, Stanley; Macroeconômicas; Mac Graw Hill; 2.001.
- Kasznar, Istvan Karoly; em Falências e Concordatas de Empresas – Modelos teóricos e Estudos Empíricos – 1978 – 1982/1987; Edição do SBERJ – Sindicato dos bancos do Estado do Rio de Janeiro; novembro 1987.
- Kasznar, Istvan Karoly; em Financeiro, A revista do crédito; anos 2 a 6, nºs 16 a 53.
- Kasznar, Istvan Karoly; Estresse empresarial no Brasil e a nova Lei de Falência e Recuperação de Empresas; em Recuperação de Empresas; organizadora Fátima Bayma de Oliveira; Pearson Prentice Hall; 2006.
- Kasznar, Istvan; Finanças Internacionais para Bancos e Indústrias; Editora IBMEC – Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais; 1990.
- Kasznar, Istvan; Administração de Empresas sob Turbulência: análise de cenários macroeconômicos; RAP – Revista de Administração Pública, da EBAPE / FGV – Fundação Getúlio Vargas; ISSN 0034-7612.
- Kasznar, Istvan; Metodologia Intensa de Análise da Produção e cálculo de ciclo de negócios; RAP – Revista de Administração Pública, da EBAPE / FGV – Fundação Getúlio Vargas; vol. 31, n. 2, ISSN 0034-7612. 1997.
- Keynes, John Maynard; My early Beliefs; Two Memoirs; London; Rupert Hart Davis; 1.949.
- Keynes, John Maynard; Essays in Biography; Mercury Books; London; 1.961.
- Keynes, John Maynard; The General Theory of Employment, Interest and Money; New York; Harcourt and Brace; 1.949.
- Keynes, John Maynard; Monetary reform; Harcourt, Brace and Co. ; 1.924.
- Financeiro, A Revista do Crédito; ano 4; n. 33; mar. 2006.
- IBCI – Institutional Business Consultoria Internacional* – Análise dos fatores determinantes de Concordatas e Falências no Brasil – 2000-2006; mimeo. Depto Pesquisas. Vol 658; www.ibci.com.br; 2006.
- IBCI – Institutional Business Consultoria Internacional* – Modelos de previsão de falências e concordatas: da ADM às redes neurais e à Teoria do caos na prática; mimeo. Depto Pesquisas. Vol 642; www.ibci.com.br ; 2005.
- IBCI – Institutional Business Consultoria Internacional* – Hot spot zones do crédito pessoa física, na indústria automobilística e do financiamento de veículos; mimeo. Depto Pesquisas. Vol.611; www.ibci.com.br; 2005.
- Mauldin, John; US in Recession despite manipulated employment and inflation statistics; www.marketoracle.co.uk; 2008.
- Motta, Júlia; De olho no furacão; Crise Externa; O GLOBO – Morar Bem; 5 de Outubro de 2008.
- O GLOBO; O pior dia na história das bolsas; 30 de setembro de 2008.
- O GLOBO; do Washington Post; Fracasso Histórico; 26 de Outubro de 2008.
- Obstfeld, Maurice, and Krugman, Paul; Economia Internacional – Teoria e Política; 4ª edição; MAKRON Books do Brasil Editora; 1999.
- RAP** – Revista de Administração Pública da Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, EBAPE, da Fundação Getúlio Vargas – FGV; série completa, dos anos 1994 a 2008.
- Reuters; Global slowdown may put US in recession: Greenspan; July, 2008.

Rosenberg, David; Debunking five Miths; Global economic analysis; May 18, 2008.
Samuelson, P. A.; Interactions Between the Multiplier Analysis and the Principle of Acceleration; The Review of Economic Statistics; May; 1.939.
Samuelson, P.A.; Macroeconomics; Norton and Co.; 1967.
Samuelson, P. A.; Economics; volumes I and II; Norton and Co.; 1966.
Simonsen, Mario Henrique; Inflação, Gradualismo e Tratamento de Choque; APEC; 1.970.
Simonsen, Mario Henrique; Macroeconomia; volumes I e II; Rio de Janeiro; Editora APEC; 6ª edição; 1.976.
Simonsen, Mario Henrique e Cysne, Rubens Penha; Dinâmica Macroeconômica; McGraw Hill Editora; São Paulo; 1.993.
Shroeder, Robert; White House says US avoided recession; MarketWatch; www.marketwatch.com; 2008.

Autor: Istvan Karoly Kasznar é PhD. em Business Administration pela Califórnia Coast University – CCU; Mestre em Economia pela Escola de Pós Graduação em Economia da FGV; Técnico em Administração de Empresas Públicas e Privadas pela EBAPE – FGV; Economista pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ; Especialista em Banking pela Universidade de Berkeley – Califórnia – USA. Professor Titular da Fundação Getúlio Vargas, na EBAPE. Economista – Chefe da ACREFI; CEO da Institutional Business Consultoria Internacional; Conselheiro do SECIF e do Instituto Dannemann – Siemsen de Propriedade Industrial. Membro – representante do Grupo de Estudos da Previdência, na FEBRABAN. Especialista em Macroeconomia; Banking; Estratégias e Controles Bancários Avançados. Professor – conferencista do IBMEC; da PUC – Pontifícia Universidade Católica; e da UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (istvan@fgv.br ; istvan@acrefi.org.br; istvan@ibci.com.br). Telefone: 55 – 21 – 22637017.